



O FENÔMENO DA PRECOGNIÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DO CONHECIMENTO E DE SUAS MÍDIAS

Jussara Paraná Sanches Figueira*

Cristiano J. C. A. Cunha**

Francisco Fialho***

Resumo: Este artigo analisa o fenômeno da “precognição”, sob o ponto de vista específico do conhecimento e de suas mídias. Foram encontrados apenas onze documentos com alguma relação com o tema. Eles relatam, principalmente, pesquisas quantitativas, que objetivam, sobretudo, discutir a “real” existência do fenômeno; e/ou a possibilidade da retrocausalidade; e/ou fatores intervenientes nos processos, como crenças, gêneros, estados afetivos ou informações preexistentes, e/ou um novo método ou modelo para o estudo de fenômenos anômalos. Os documentos foram analisados a partir de seis categorias: existência, temporalidade, fatores intervenientes, metodologia, conhecimento e mídia. As buscas nas bases de dados Scopus, SciELO e da Capes não recuperaram estudos sobre precognição a partir das mais recentes teorias do conhecimento e de suas mídias nas organizações humanas. Com base nesses resultados, são propostas novas pesquisas de caráter qualitativo sobre o tema, e relacionados possíveis temas a serem pesquisados.

Palavras-chave: Precognição. Conhecimento. Revisão sistemática.

Abstract: This article analyzes the phenomenon of “precognition” under the specific point of view of knowledge and its media. There were found only eleven documents with some relation to the theme. They report mainly quantitative researches that aim mainly to discuss the “real” existence of the phenomenon, and/or the possibility of retrocausality, and/or factors involved in the processes such as beliefs, gender, affective states or preexisting information, and / or a new method or model for the study of anomalous phenomena. The documents were analyzed from six categories: existence, temporality, intervening factors, methodology, knowledge and media. The searches in Scopus, SciELO and Capes databases did not recover studies about precognition from the most recent theories of knowledge and its media in human organizations. Based on these results, new qualitative research on the theme and possible topics to be research are suggested.

Keywords: Precognition. Knowledge. Systematic review.

*Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
NEDECC- Núcleo de Estudos e Desenvolvimentos em
Conhecimento e Consciência – UFSC.
Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento – EGC
Mestre em Administração Pública – UFSC.
Email: diretoria@baobahlabs.com

**Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
Pesquisador vice-líder do Núcleo de Estudos e
Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência - NEDECC
Professor do Programa de Pós-graduação em
Engenharia e Gestão do Conhecimento.
Dr. rer. Pol – Alemanha.
cunha@egc.ufsc.br

***Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.
Pesquisador líder do Núcleo de Estudos e
Desenvolvimentos em Conhecimento e Consciência - NEDECC
Professor Titular no Departamento de Engenharia do
Conhecimento - Centro Tecnológico.
Doutor em Engenharia- UFSC.
fapfialho@gmail.com



REVISTA
MEMORARE


www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Nas sociedades ocidentais e orientais, com maior ou menor frequência, pessoas relatam viver fenômenos “psi”, “paranormais” ou “extrassensoriais”. Mais recentemente conhecidos como “fenômenos anômalos”, a precognição, a telepatia, a clarividência, os fenômenos mediúnicos, as curas à distância, além de outras supostas interações “diretas” entre mente e matéria, têm sido foco de pesquisa científica há décadas.

Em 1961, na Universidade de Duke nos EUA, L. E. Rhine já “analisava casos de maneira sistemática e observava que pessoas pareciam receber informações de uma forma não-sensorial da consciência de uma outra pessoa (telepatia), de um objeto remoto ou evento (clarividência), e de um evento que ainda não havia acontecido (precognição).” (RAO, 2005, p. 74).

A experiência de precognição, ou seja, a de se saber sobre um evento futuro antes que ele aconteça (RADIN, 2013; MOSSBRIDGE; TRESSOLDI; UTTS; IVES; RADIN; JONAS, 2014), seria um tipo não convencional, e ainda não explicado pela ciência, de acesso a informações “do futuro”.

Segundo Mossbridge et al. (2014) e Bem (2011), os fenômenos chamados de intuição, premonição ou pressentimento também dizem respeito a perceber o futuro, mas estão ligados a estados emocionais e fisiológicos, não conscientes. O conceito de precognição, tema desta pesquisa, diz respeito, como indica a palavra, a uma *cognição* antecipada e consciente de um evento futuro, não a sensações, sentimentos, ou estados fisiológicos antecipatórios a esses eventos.

Uma meta-análise dos experimentos sobre precognição realizados entre 1935 e 1987, envolvendo 309 estudos por 62 pesquisadores, proveu fortes evidências em favor da existência do fenômeno, sendo que a probabilidade cumulativa de que esses resultados tenham ocorrido por acaso seria perto de zero (HONORTON; FERRARI, 1989). Segundo Rao (2005), essa possibilidade cria sérias questões para as teorias tradicionais sobre processos cognitivos, e para as teorias do conhecimento em geral.

O acesso a informações futuras não se explicaria pelas leis da física clássica, nem pela física quântica, já que não apenas coloca o futuro no presente, como também representa um acesso a informações, sem aparentemente se utilizar de qualquer meio físico (*mídia*) para tal operação, daí a qualidade “anômala” do fenômeno.



Como afirmam Sousa e Rodrigues (2011, p. 49-50), mídias são instrumentos e objetos de comunicação, e podem atuar como agentes inteligentes e ativos no processo de mediação de informações e conhecimentos, compondo inclusive novas mensagens a partir da organização coerente das informações recebidas.

Considera-se que, na mente, a sensação é geralmente uma perturbação decorrente de um estímulo físico, inicial ou um dado. Isso é imediatamente associado a sentimentos e ideias, sendo, portanto, reconhecido como informação, porque houve um conhecimento ou processo de associações (caracterizando o conhecimento como processo), que integra e contextualiza o estímulo na cultura particular da mente. A consciência desse processo é uma sobre informação que, comumente, é denominada de conhecimento (caracterizando o conhecimento como produto). Portanto, quando há a consciência do processo associativo ou significativo que gera a informação, a ideia resultante é comumente denominada de conhecimento (SOUSA, 2005; SOUSA; RODRIGUES, 2011).

Em Sousa e Rodrigues (2011), encontram-se concepções mais específicas de conhecimento que parecem se complementar: “[...] associação entre uma substância percebida, e pelo menos, uma forma ou ideia” (SOUSA; RODRIGUES, 2011, p. 69); “[...] uma informação percebida e reconhecida como valorosa e relevante do ponto de vista interno ao processo de comunicação” ((SOUSA; RODRIGUES, 2011, p. 62); “[...] informação que muda algo ou alguém, seja por tornar-se fundamento para a ação, ou por fazer um indivíduo ou uma organização capaz de ser diferente ou mais eficaz” (DRUCKER, 1991, apud SOUSA; RODRIGUES, 2011, p.60); “[...] estado interno dos seres humanos, que resulta da entrada e processamento da informação, durante o aprendizado e realização de tarefas” (STANOEVSKA-SLABEVA, 2002, p. 1 apud SOUSA; RODRIGUES, 2011, p. 51).

E, segundo Schmid e Stanoevska-Slabeva (1989, p. 3, tradução nossa):

Hoje em dia se está amplamente de acordo que o conhecimento se tornou o mais importante recurso na era da informação. [...] A gestão do conhecimento compreende todas as atividades necessárias para descobrir, adquirir, estocar, gerir, desenvolver, disseminar e usar conhecimento.

Os mesmos autores também se referem a *mídias do conhecimento* como um conceito inovador e tecnologia para a gestão do conhecimento. De acordo com eles:

Mídias do conhecimento também podem ser descritas como entidades de informação distribuída e fontes de conhecimento, e agentes que criam novos conhecimentos ou usam o conhecimento existente. Assim, mídia do conhecimento provê espaços integrados de conhecimento tácito e externalizado, linguagem e sentido. (SCHMID; STANOEVSKA-SLABEVA, 1989, p.10, tradução nossa).

Assim, ao menos três perguntas se impõem: (1) Serão os “fenômenos anômalos” sempre *fenômenos de comunicação anômala*? (2) Serão os fenômenos anômalos *fenômenos de conhecimento*? (3) Quais são, como se comportam, e qual a natureza das *mídias* envolvidas nesses processos de conhecimento?

Ao que tudo indica as respostas para as duas primeiras perguntas são *sim*. De uma forma ou de outra, parece sempre haver algum tipo de *comunicação* acontecendo na manifestação de fenômenos anômalos, assim como um processo de *significação das informações* recebidas pelos agentes humanos, que relatam e/ou representam de algum modo sua experiência vivida, caracterizando nesse momento a produção de um conhecimento.

Partindo-se dessa perspectiva, surge o interesse em se investigar como os fenômenos “anômalos”, em particular a precognição, têm sido estudados pela ciência sob a ótica das teorias do *conhecimento e de suas mídias*. Uma investigação que se torna mais relevante dada a importância dessas teorias no contexto das organizações humanas inseridas nas sociedades atuais. O objetivo deste artigo, portanto, é analisar como o fenômeno da precognição é tratado nas teorias do conhecimento e de suas mídias.

Adotou-se aqui um conceito abrangente de *conhecimento*, fundamentado nas abordagens cognitivista, conexcionista e autopoietica, ou seja, como *produto, relação ou processo de significação de informações* (VENZIN; KROGH; ROOS, 1998). Assim como Machado e Fialho (2016), parte-se nesse trabalho de uma visão integral de conhecimento, que enxerga os três conceitos como aspectos de uma mesma realidade.

Durante a pesquisa, deixou-se em aberto a possibilidade de se encontrar estudos sobre quaisquer dos diferentes *tipos de conhecimento*, dentre eles, o *tácito* ou *explícito* (NONAKA, 1994). Também se incorporou à pesquisa diferentes processos de criação/aquisição, armazenamento, transferência/disseminação e aplicação do conhecimento (ALAVI; LEIDNER, 1999, p. 6).



Foram considerados como sendo *mídias do conhecimento* todos os processos e artefatos de *mediação de conhecimento* (VANZIN; DANDOLINI, 2011), compreendidos aqui em todos os seus aspectos conceituais, ou seja, dos pontos de vista estrutural, funcional e contextual.

2. Metodologia

Utilizou-se para esse estudo o método da revisão integrativa proposto por Whitemore (2005). O método permitiu identificar e analisar os documentos atuais que relacionam o fenômeno da precognição com as teorias de conhecimento e mídia publicados no período entre janeiro de 2011 e julho de 2016.

A estratégia de busca incluiu a base de dados o Scopus, para uma ampla visão da produção científica internacional, dirigida a todos os tipos de documentos registrados (artigos, *papers* de congressos, revisões bibliográficas, capítulos de livros e artigos da imprensa), em todas as áreas cadastradas. A palavra “*precognition*” foi procurada tanto em títulos de artigos, como em resumos e palavras-chave.

Posteriormente, procurou-se encontrar publicações que relacionassem *precognição e conhecimento*; para tanto, foi agregado mais um campo de busca com a palavra “*knowledge*”, direcionado a todas as partes desses documentos (*allfields*).

A busca foi ampliada com as seguintes bases de dados: 1) *SciELO–Scientific Electronic Library Online* para publicações na América Latina; 2) Banco de dados da CAPES –Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior, do Ministério da Educação do Brasil, para teses e dissertações brasileiras; 3) Banco de teses e dissertações da Pós-graduação em Engenharia e Gestão de Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, em função de seu objetivo que é o estudo interdisciplinar do conhecimento, relacionado ao tema da pesquisa.

Nos bancos de dados SciELO, da CAPES e do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – UFSC, não foram recuperados textos a partir da busca com as palavras “*precognição*”, “*precognición*” ou “*precognition*”.

Na base Scopus, foram acessados 83 documentos relacionados à palavra “*precognition*”, mas apenas 11 registros, entre artigos, livros, capítulos de livros, *papers*



em conferências e revisão da literatura foram encontrados a partir da busca com as palavras “precognition” and “knowledge”.

Quando foi agregada a palavra “media”, como mais um filtro de pesquisa, ou seja, “precognitionandknowledgeand media”, somente 2 artigos foram listados dentre eles.

Assim, decidiu-se manter a estratégia de busca “precognition” and “knowledge” em todos os campos e áreas das ciências no Scopus, não filtrar por “media”, e ampliar o período de investigação para os últimos 10 anos e meio, ou seja, a partir de janeiro de 2006 até julho de 2016. Com esta estratégia, foram recuperados 17 registros entre artigos, livros, capítulos de livros, *papers* em conferências e revisão da literatura.

Utilizaram-se como critérios de exclusão para os 17 documentos encontrados: (1) conceito de “precognição” utilizado diferente do adotado na pergunta de pesquisa; (2) acesso ao documento liberado apenas sob pagamento aos editores.

Com isso, 6 documentos foram excluídos pelo primeiro motivo e 3 pelo segundo, permanecendo 7 a serem analisados. Somados a esses, incluíram-se mais 3, de autores citados mais de uma vez nas referências bibliográficas, publicados no período definido, e também relacionados de algum modo ao tema da pesquisa, perfazendo 11 documentos no total.

Os 11 documentos selecionados foram então analisados e comparados com base em 6 categorias emergentes: (1) Existência do fenômeno; (2) Temporalidade no fenômeno; (3) Fatores intervenientes na ocorrência do fenômeno; (4) Metodologia (modelo e método) para estudo do fenômeno; (5) Conhecimento e o fenômeno; (6) Mídia e o fenômeno.

Não foram analisados aspectos de adequação dos métodos quantitativos e/ou qualitativos empregados nas pesquisas relatadas na literatura, apenas suas concepções, fundamentações e conclusões teóricas relativas à pergunta de pesquisa.

3. Resultados e discussão

A partir da análise dos conteúdos dos 11 documentos selecionados, foram definidas 4 categorias temáticas centrais (*existência, temporalidade, fatores intervenientes e metodologia*) em torno das quais o assunto da *precognição* foi tratado.



Mais 2 categorias foram acrescidas em função do interesse da proposta de pesquisa (*conhecimento e mídia*). Vide quadro 1 a seguir:

Quadro 1- Temas com seus respectivos autores e datas de publicação de seus artigos analisados

TEMAS	AUTORES
Existência	Bem, D. J. (2011) Traxler, M.J., Foss, D.J., Podali, R., Zirnstein, M. (2012) Paquette, A. (2012) Luke, D. (2012) Radin, D., Borges, A. (2009) Radin, D. (2011) Beláustegui, G. D. (2010)
Temporalidade	Yiassemides (2013) Traxler, M.J., Foss, D.J., Podali, R., Zirnstein, M. (2012) Radin, D., Borges, A. (2009) Radin, D. (2011)
Fatores intervenientes	Stone, A. (2014) Siccardi, S. (2011) Polito, V., Langdon, R., Brown, J. (2010)
Metodologia	Paquette, A. (2012) Siccardi, S. (2011) Luke, D. (2012)
Conhecimento	Yiassemides, A. (2013) Radin, D., Borges, A. (2009) Bem, D. J. (2011) Siccardi, S. (2011) Beláustegui, G. D. (2010)
Mídia	Luke, D. (2012) Radin, D., Borges, A. (2009) Bem, D. J. (2011)

Fonte: Elaboração dos autores, 2016.

3.1 Existência

Bem (2011), Traxler et al. (2012), Radin (2011), Radin e Borges (2009) descrevem estudos experimentais controlados, quantitativos, em laboratório. Esses estudos foram realizados com o objetivo de testar a *existência* do fenômeno da



precognição dentro de um quadro de fenômenos anômalos antecipatórios, em geral, buscando identificar seus efeitos fisiológicos ou psicológicos nos sujeitos de pesquisa.

Os experimentos de Radin e Borges (2009, p. 200) testaram respostas antecipatórias com base em “dilatação da pupila, piscar espontâneo, e movimentos dos olhos acompanhados antes, durante, e depois que os participantes vissem fotografias com diferentes graus de apelo emocional”. Os autores concluem que “esses estudos, que replicam experimentos conceitualmente similares, sugerem que às vezes as pessoas realmente veem o futuro”. (RADIN; BORGES, 2009, p. 200).

Radin (2011, p. 204), descreve quatro tipos de experimentos que, segundo o autor, vêm sendo realizados em diversos países ao longo dos últimos 75 anos (até 2011) com o objetivo de testar a possibilidade de se obter informação do futuro de maneira não explicável pelas formas usuais. Ele afirma que já há centenas deles. Os tipos mais utilizados atualmente são os que medem reações fisiológicas e comportamentos inconscientes como efeitos de processos antecipatórios em geral. O autor conclui pela *existência* dos fenômenos precognitivos.

Bem (2011) relata experimentos em laboratório para o teste de respostas psicológicas antecipatórias; e Paquette (2012) descreve um estudo sobre a incidência de precognição através de seus próprios sonhos pelo período de 22 anos, um trabalho também revisado por pares e publicado por revista científica norte-americana. Os dois autores concluem que o fenômeno da precognição existe.

Luke (2012) trata, especificamente, da relação entre a ocorrência de fenômenos paranormais (anômalos/transpessoais) em geral (entre eles a precognição) e o consumo de substâncias neuroativas (drogas psicodélicas). O autor faz uma revisão detalhada da literatura parapsicológica sobre relatos de fenômenos anômalos, intencionais e espontâneos. Ele analisou: a) estudos de abordagens histórica e antropológica, b) casos clínicos dentro das áreas de psiquiatria, psicoterapia e estudos transpessoais, e c) pesquisas quantitativas de campo e de laboratório nas áreas da etnobotânica, fitoquímica, psicofarmacologia, neurobiologia e neuroquímica.

Como os demais autores, Luke (2012) também conclui sobre a *existência* de tais fenômenos anômalos, no caso, induzidos por drogas psicoativas. Ele afirma que

[...] há um crescente corpo de relatos, enraizados em milhares de anos de uso tradicional de drogas psicodélicas, que dão suporte à noção de que os



fenômenos paranormais realmente ocorrem. [...] Além disso, mesmo (a pesquisa) sendo considerada pouco mais que exploratória, a evidência experimental é mais positiva que não, e se prova promissora até agora para iluminar tanto os perigos metodológicos quanto as possibilidades. (LUKE, 2012, p. 134-135, tradução nossa).

Traxler et al. (2012), todavia, não obtiveram evidências que sugerissem a possibilidade de precognição em seu experimento.

Utilizando-se de método qualitativo, Beláustegui (2010) relata em seu artigo uma investigação, de cunho fenomenológico, acerca de antecipações sobre a morte biológica. Para isso, traz dois exemplos desse tipo de precognição entre adolescentes, um através de representação gráfica (desenho) e outro através de uma carta escrita, corroborando a *existência* do fenômeno, concluindo que a psique humana teria capacidade de antecipar mudanças relevantes.

Uma potente hipótese surge: pode o self antecipar suas contínuas transformações através do tempo, portanto, provendo recursos emergentes para elaborar as irrupções de diferentes estágios da vida humana, incluindo a morte? Uma das provas fundamentais da capacidade da psique de antecipar mudanças – especialmente quando essa mudança não é previsível, como um acidente ou morte súbita – é o aparecimento de *anúncios de morte*. (BELÁUSTEGUI, 2010, p. 85, tradução e itálico nossos)

3.2 Temporalidade

Todos os autores pesquisados tratam a questão do tempo em seus trabalhos, já que precognição envolveria o acesso a informações de um *tempo* futuro. Mas alguns mencionam o tema de maneira mais direta e/ou central.

Traxler et al. (2012), Radin (2011) e Radin e Borges (2009) referem-se às questões de causalidade e influência de eventos futuros sobre eventos presentes, pressupondo um tempo futuro que voltaria para trás e *influenciaria* ou *causaria* eventos no presente. Apesar de a ideia ser contraintuitiva e violar o conhecimento ordinário que se tem sobre o comportamento do tempo, a nosso ver, essa interpretação também pressupõe o tempo como sendo linear.

Assim, os autores se utilizam de expressões como *retrocausalidade*, *efeitos retrocausados*, *influências retroativas*, e *tempo revertido*. Radin (2011, p. 215, tradução e itálico nossos), por exemplo, afirma:

Das duas classes mais recentes de estudos que examinam *efeitos retrocausados* via medidas fisiológicas e comportamentos inconscientes, 85 de 101 estudos (84%) relatados por 25 diferentes laboratórios dos EUA, Itália, Espanha, Holanda, Áustria, Suécia, Inglaterra, Escócia, Irã, Japão e Austrália produziram resultados na direção prevista pelo *efeito retrocausado*.

Essas concepções e terminologias também foram usadas por Traxler et al. (2012, p. 1366, tradução e itálico nossos) em uma pesquisa que não comprovou o fenômeno da precognição:

Em dois experimentos de leitura personalizados, nós investigamos a hipótese de que informações se movam para traz no tempo para influenciar comportamentos anteriores. [...] mas não ofereceram evidências para *influências retroativas* no processamento de texto.

Em contraponto com essa perspectiva linear do tempo, o livro de Yiassemides (2013) trata da visão junguiana sobre a temporalidade, que difere da concepção anterior por sua natureza teleológica e não linear. A autora assume a concepção de Jung de que a psique humana inconsciente teria uma capacidade “transtemporal”, isto é, de transcender os limites do tempo, referindo-se a fenômenos como o da precognição dentro desse contexto. A visão junguiana também é adotada por Radin e Borges (2009, p. 200), que chegam a usar expressões da Psicologia Analítica, como “fatores transtemporais e teleológicos”, mas não as exploram mais a fundo.

De acordo com Yiassemides (2013), para Jung, a compreensão sobre causalidade, dominante no mundo consciente, nada tem a ver com o processo de causalidade no nível do inconsciente. E, mais, nesse último nível, todas as coisas teriam uma existência eterna, desde sempre, não havendo passado, presente ou futuro discriminadamente. Daí a possibilidade da chamada precognição. Neste contexto, a concepção do fenômeno da precognição é reinterpretada a partir da ideia de coexistência e simultaneidade:

No inconsciente, tudo já está lá, desde o início... o inconsciente não se importa com o nosso tempo ou com as relações causais entre as coisas. (JUNG, 2008, p. 9-10 apud YIASSEMIDES, 2013, p.35, tradução nossa).

[...] Na psique, todas as demarcações lineares de tempo coexistem em um estado relativo, então tudo – e ao mesmo tempo nada – é de fato simultâneo e contemporâneo. [...] qualquer futuro construtor de significado interage e afeta



não apenas o presente, mas também o passado. (YIASSEMIDES, 2013, p. 37, tradução nossa).

Em Jung, portanto, a discussão sobre a precognição sairia do âmbito da retrocausalidade e passaria assim para o âmbito da simultaneidade de tudo.

3.3 Fatores intervenientes

Estudos teóricos e experimentais sobre *crenças, gênero, estados afetivos e informações preexistentes* como variáveis intervenientes nos processos de vivência e de relatos de precognição foram encontrados em Stone (2014), Siccardi (2011) e Polito, Langdon e Brown (2010).

Polito, Langdon e Brown (2010) afirmam que seus achados, a partir de rituais shamânicos, demonstram que a variação das caracterizações individuais de experiências anômalas, assim como o grau de suas ocorrências, é influenciada por *crenças e estados afetivos* preexistentes.

Numa perspectiva mais positivista, Siccardi (2011) utiliza o Modelo de Informação Pragmática (MPI, sigla em inglês) (von LUCADOU, 1995) para analisar fenômenos anomalísticos espontâneos. Uma de suas principais conclusões é que existem duas condições para ocorrência de fenômenos como a precognição: a) o indivíduo deve fazer parte de um sistema rico em informação pragmática, onde existem relações entre elementos com crenças anteriores, troca de informações pelos agentes do sistema e confirmação dessas informações que mantêm o sistema de identidade; e b) há um metabolismo no qual o fenômeno psi produz novas informações pragmáticas “cujo impacto estabiliza o sistema, fornece novos significados para dados específicos e induz a revisão do conhecimento geral compartilhado entre os membros” (SICCARDI, 2011, p. 299).

Nós admitimos a hipótese que ambos os aspectos são importantes para se ter um fenômeno de percepção extra-sensorial, ou pelo menos o primeiro fenômeno extra-sensorial de uma série ocorrendo ao mesmo sujeito. Se o sujeito não for parte de um sistema com informação pragmática suficiente, um fenômeno anomalístico espontâneo não é provável; mas um fenômeno anomalístico espontâneo não é provável também em um sistema no qual nenhum outro fenômeno psi tenha ocorrido antes. (SICCARDI, 2011, p. 299, tradução nossa).



Finalmente, Stone (2014, p. 277) trabalha com a credibilidade atribuída ou não pela audiência a um narrador de um episódio de precognição, e afirma que:

[...] a presente pesquisa sustenta a proposição de que uma confissão de ceticismo a priori serve para aumentar a plausibilidade de uma explicação causal paranormal para um evento anômalo, desde que a audiência não seja anteriormente avisada. Uma confissão de crença a priori serve para aumentar a percepção de ingenuidade de uma mulher, mas não de um homem, narrador, sugerindo um viés para a percepção mais prontamente de uma mulher como ingênua, que de um homem.

3.4 Metodologia

Considerações metodológicas referentes aos seus próprios experimentos ou aos de outros autores, assim como análises metodológicas específicas sobre a pesquisa com drogas psicoativas, estão presentes em todos os trabalhos.

Entretanto, no quesito metodologia, dois autores se destacam. Paquette (2012) e Siccardi (2011) discutem metodologia de maneira mais central em seus artigos. Eles propõem respectivamente um método para o estudo da precognição em sonhos, e a aplicação do modelo de informação pragmática em estudos de fenômenos anomalísticos espontâneos.

Paquette (2012, p. 589, tradução e itálico nossos), referindo-se à sua proposta de método quantitativo para o estabelecimento da veracidade das informações advindas de sonhos espontâneos, escreve:

[...] O objetivo é chegar a um *método* racional para estabelecer que informações derivadas de experiências de sonhos espontâneos podem ser constatadas como verdadeiras. Para a realização disto, um *método* para se encontrar o equivalente a um alvo dentro da experiência espontânea é usado para fixar o local e o tempo específicos para comparação.

Para Siccardi (2011, p. 299), seu modelo, baseado na Teoria da Informação Pragmática, pode “nos ajudar a distinguir a importância dos fatos, da do papel das crenças dos sujeitos, e entender suas dinâmicas e relacionamentos em fenômenos anômalos espontâneos mentais”. Uma de suas principais preocupações metodológicas é como modelar os fenômenos anômalos espontâneos.

Nós temos demonstrado que, mesmo quando são disponíveis probabilidades não exatas, é ainda possível *modelar* o conteúdo informacional dos



fenômenos anômalos espontâneos. Mesmo se os agentes só puderem oferecer uma avaliação ordinal qualitativa de suas crenças, nós podemos *modelar* os casos de modo claro. (SICCARDI, 2011, p. 299, tradução e itálico nossos).

3.5 Conhecimento

De maneira geral, pode-se dizer que os autores não fazem distinção em seus textos entre o conceito de *informação* e o de *conhecimento*. Por exemplo, Siccardi (2011) trata o papel das *informações pragmáticas*, advindas de relatos de precognição, para o processo de *revisão* geral do *conhecimento compartilhado* por um grupo, mas não se ocupa do tema *conhecimento* de maneira mais ampla ou para além deste ponto.

Seu trabalho traz de passagem uma diferenciação sutil, ao mencionar a palavra *conhecimento* após a expressão “novo significado”, subentendendo o conceito de *conhecimento* como resultado da *significação de informações*. Para o autor,

[...] os fenômenos psi são produzidos em sistemas ricos em *informação pragmática*. Interações regulares e *informação* trocada entre os componentes mantém a identidade do sistema e assegura o alto nível da *informação pragmática*. Por outro lado, os fenômenos psi produzem *novas informações pragmáticas*, cujo impacto estabiliza o sistema, dá *novo significado* para dados específicos, e leva a uma *revisão do conhecimento* geral compartilhado por seus membros. (SICCARDI, 2011, p. 300, tradução e itálico nossos).

Radin e Borges (2009) e Bem (2011) referem-se à importância de se poder antecipar o futuro. Eles dirigem seus argumentos menos à precognição, e mais aos processos antecipatórios da intuição e pressentimento/premonição. Aparentemente, os autores supõem um *conhecimento* privilegiado por aqueles que vivem tais fenômenos, em determinados momentos, o que lhes traria vantagens de vários tipos.

Segundo Radin e Borges (2009, p. 200):

Entender o escopo total das habilidades intuitivas, especialmente intuições envolvendo eventos futuros, é importante porque um grande percentual da força de trabalho mundial está envolvido em antecipar o futuro. Os médicos objetivam prever o curso de cura de seus pacientes, epidemiologistas antecipar epidemias na saúde, geólogos predizerem terremotos, e agências de inteligência preverem atos terroristas. [...] Antecipação é também uma das principais características dos sistemas vivos, talvez a característica-chave que distinga o que é vivo do que não é.

Bem (2011, p. 6):



Os estudos sobre pressentimentos oferecem evidência de que nossa fisiologia pode antecipar imprevisíveis estímulos eróticos ou negativos antes que eles ocorram. Tal antecipação seria evolucionariamente vantajosa para a reprodução e sobrevivência se o organismo puder agir instrumentalmente para se aproximar dos estímulos eróticos e evitar os negativos.

Yiassemides (2013) afirma que, para Jung, informações advindas de processos como a precognição são *conhecimentos* que viriam do inconsciente coletivo e, portanto, não estariam conectados ao ego. Eles transcenderiam a experiência individual, e não se prenderiam aos limites do espaço e do tempo do mundo consciente.

Jung reconhecera as informações de futuro como um tipo de conhecimento, a que chamou de “conhecimento absoluto”. O acesso a esse *conhecimento*, sob a forma de precognição, seria um subproduto da parte inconsciente da psique, onde o tempo é relativo, e que poderia ser observado na consciência (YIASSEMIDES, 2013, p. 38). Para Yiassemides (2013, p. 38, tradução e itálico nossos), “tal *conhecimento* visto da perspectiva do ego aparece absoluto desde que ele transcenda o tempo e o espaço e tenha uma qualidade que esteja fora dos limites da consciência individual”.

Nada mais foi encontrado sobre o tema do conhecimento no contexto da precognição, especialmente no que diz respeito aos aspectos das mais recentes teorias organizacionais sobre o assunto.

3.6 Mídia

Poucas menções sobre mídia ou mediação no contexto dos fenômenos anômalos foram encontradas nos artigos de Bem (2011), Luke (2012) e Radin e Borges (2009).

Bem (2011, pg.2), descrevendo alguns tipos de fenômenos anômalos, cita a telepatia como sendo a “aparente transferência de informação de uma pessoa a outra, sem a mediação de nenhum canal conhecido de comunicação sensorial” (tradução nossa). Ao se referir às informações psi-mediadas, Bem (2011, p. 51) resgata a seguinte proposição de Carpenter (2004, 2005):

[...] longe de ser raro, não usual, ou exótico, as informações *psi-mediadas* continuamente nos ajudam a interpretar experiências e guiam nossas escolhas em nosso dia-a-dia, assim como outras informações preconscientes o fazem



(CARPENTER, 2004, 2005, apud BEM, 2011, p. 51, tradução e itálico nossos).

Outra concepção de mídia no contexto dos fenômenos anômalos é aproximada tanto por Luke (2012, p. 136), quanto por Radin e Borges (2009). Eles entendem a participação do cérebro propriamente dito como relacionado ao conceito de *mídia* para a ocorrência de fenômenos anômalos antecipatórios.

De um lado, Luke (2012, p. 136) considera as substâncias neuroativas como mídias de acesso a estados alterados de consciência e a informações sobre o futuro; como as supostamente obtidas por precognição. Segundo ele, “muito pode ser aprendido, [...] olhando-se para a dimensão psicodélica, sobre a mediação neuroquímica de aspectos excepcionais da consciência em particular.” Por outro lado, Radin e Borges (2009, p. 201) declaram que os “efeitos de pressentimento são amplamente mediados pelo sistema nervoso simpático [...]”.

3.7 O encontro entre precognição e conhecimento

Estudos de variáveis ou *fatores intervenientes* preexistentes, muitas vezes, parecem ter como objetivo “*explicar*” os relatos de *precognição* do ponto de vista da psicologia ou das ciências sociais conhecidas, sem foco especificamente no *conhecimento produzido* em episódios de *precognição*, e nem tão pouco em possíveis *decorrências tangíveis* desse processo.

Pesquisas também se debruçam sobre a questão do *tempo*, em consequência da própria natureza da *precognição*, que reverteria nossas convicções sobre um tempo físico linear, em que o passado precederia o presente, e que o presente precederia o futuro. Ainda nesse caso, a perspectiva mais encontrada parece ser restrita aos aspectos *fisicalistas* da questão, onde o foco está na *existência ou não da retrocausalidade*.

Discussões sobre proposta de *método* novo ou aplicação nova de *modelo* para pesquisas sobre a *precognição* também não trazem qualquer menção ao uso das teorias de conhecimento ou mesmo de suas mídias. Preocupam-se ou com a “veracidade” de informações recebidas através de sonhos, ou com a descrição de mecanismos de *circulação de informações* e suas *consequências sociais* em grupos fechados, ou ainda com fatores intervenientes ao processo, como *crenças e estados afetivos preexistentes*.



No primeiro caso, o interesse pela confrontação dos relatos com a suposta realidade objetiva, ainda demonstra a perspectiva de confirmação ou não da *existenciado fenômeno*. No segundo caso, já há uma perspectiva diferenciada, de compreensão qualitativa do processo, mas que também não resgata teorias do conhecimento ou de suas mídias.

Apesar da profundidade da visão de Jung sobre o que chamou de “conhecimento absoluto” (YIASSEMIDES, 2013, p. 38), em relação ao fenômeno da precognição, foram poucas e tímidas as aproximações encontradas com o tema do conhecimento e de suas mídias nos documentos analisados.

Em síntese, nenhum documento discutiu a precognição do ponto de vista das recentes *teorias do conhecimento e de suas mídias*.

4. Considerações finais

Apesar de o fenômeno da precognição ser tema de pesquisa científica há muitas décadas, a análise dos artigos recuperados na pesquisa bibliográfica mostra que existe uma lacuna em relação a estudos que analisem o fenômeno sob o ponto de vista do conhecimento e de suas mídias.

Provavelmente, isso se deve ao fato de que o conhecimento e suas mídias como campo de estudo interdisciplinar é bastante recente. Os trabalhos escritos sobre o assunto começam a surgir somente a partir dos anos 90.

Também, devido à natureza “anômala” do fenômeno da precognição, que, até o momento, não se explica pelas leis das ciências físicas conhecidas, constata-se que a maior preocupação dos pesquisadores tem sido, principalmente, pesquisar a possibilidade de sua existência.

Pesquisas sobre *precognição*, que envolvessem a *ótica doconhecimento e de suas mídias nas organizações humanas*, seriam inovadoras. Elas ampliariam o olhar sobre o fenômeno, deslocando-o do foco mais estudado e mais restrito, que diz respeito (de maneira clara ou velada) meramente ao dilema da sua existência como fenômeno, para uma abordagem mais atual e organizacional.

Partindo-se dessa abordagem, mais do que nos preocuparmos em encontrar evidências da capacidade e da veracidade da precognição humana, a análise dos artigos



sugere que os pesquisadores deveriam focar a atenção no *conhecimento produzido, seus mecanismos e suas implicações tangíveis*, tanto no nível do indivíduo como no das organizações, a partir de uma abordagem qualitativa aos fenômenos relatados.

Com base nos resultados desta revisão, sugerimos, a seguir, algumas questões que podem orientar o redirecionamento das pesquisas sobre precognição:

- Pode-se considerar a precognição como um fenômeno “anômalo” de *comunicação*?
- Seria mesmo um fenômeno “anômalo” de *conhecimento*?
- Quais são e como se comportam as *mídias* envolvidas ou não nesses processos?
- Como se dá o processo de *codificação e significação* dessas informações antecipadas?
- Quais os *tipos* de conhecimento em questão?
- Como têm sido *gerenciados* esses novos conhecimentos?
- Seriam esses conhecimentos *criados* pelos agentes humanos, ou apenas *acessados* de alguma instância? Haveria diferença entre as duas interpretações?
- Que tipo de *valor individual, social, científico ou tecnológico* esses conhecimentos poderiam conter?
- Seriam esses conhecimentos *estocáveis, transferíveis, dissemináveis e aplicáveis*?
- Como são tratados pelo indivíduo esses conhecimentos quando percebidos como tendo maior ou menor *relevância* para sua vida?
- Em situações do dia-a-dia, qual o papel desses conhecimentos em *tomadas de decisão, memória* e constituição de *identidades* individuais e sociais?
- O que se pode inferir sobre a obtenção de conhecimentos antecipados e condições de *sobrevivência e/ou qualidade de vida*?
- Como compreender fenômenos de precognição sob o *ponto de vista do conhecimento* e de suas *mídias* em *diferentes contextos culturais*?



Finalmente, sugerimos que as pesquisas sejam realizadas com base na visão de que o mundo social e, portanto, o mundo organizacional tem um status ontológico precário. O que se considera “como realidade social não existe em um sentido concreto, mas é o produto das experiências subjetiva e intersubjetiva de indivíduos”. (MORGAN, 1980, p. 608).

Referências

ALAVI, M.; LEIDNER, D. E. Knowledge management and knowledge management systems: conceptual foundations and research issues. **MIS Quarterly**, Minneapolis, v. 25, n. 1, p. 107-133, mar. 2001.

BEM, D. J. Feeling the Future: experimental evidence for anomalous retroactive influences on cognition and affect. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 100, n. 3, p. 407- 425, mar. 2011.

BELÁUSTEGUI, G. D. Phenomenology of the transcendence of space-time coordinates: evidence from "death announcements". **Jung Journal: Culture & Psyche**, San Francisco, v. 4, n. 2, p. 85-89, 2010.

HOFFMAN, D. Conscious realism and the mind-body problem. **Mind & Matter**, Exeter, v. 6, n. 1, p. 87-121, 2008.

HOFFMAN, D.; PRAKASH, C. Objects of consciousness. **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 5, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4060643/>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

HONORTON, C.; FERRARI, D. C. “Future telling”: a meta-analysis of forced-choice precognition experiments, 1935-1987. **Journal of Parapsychology**, Durham, v. 53, p. 281-308, dez.1989.

LUCADOU, W. The Model of Pragmatic Information (MPI). **European Journal of Parapsychology** (1975-2010), v. 11, p. 58-75, 1995.

LUKE, D. Psychoactive substances and paranormal phenomena: a comprehensive review. **International Journal of Transpersonal Studies**, San Francisco, v. 31, n. 1, p. 97-156, 2012.

MACHADO, A. B.; FIALHO, F. A. As quatro dimensões do conhecimento: cognitivista, conexionista, autopoietico e integral - avançando na compreensão sobre a aprendizagem. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 589-601, 2016.



MORGAN, G. Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. **Administrative Science Quarterly**, Ithaca, v. 25, n. 4, p. 605-622, 1980.

MOSSBRIDGE, J. A., TRESSOLDI, P., UTTS, J., Ives, J. A., RADIN, D., JONAS, W. B. Predicting the unpredictable: critical analysis and practical implications of predictive anticipatory activity. **Frontiers in Human Neuroscience**, Lausanne, v. 8, mar. 2014. Disponível em: <<http://journal.frontiersin.org/article/10.3389/fnhum.2014.00146/full>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

NONAKA, I. A dynamic theory of organizational knowledge creation. *Organization Science*, Catonsville, v. 5, n. 1, fev. 1994. Disponível em: <http://www.uky.edu/~gmswan3/575/Nonaka_1994.pdf>. Acesso em: 22 maio 2016.

PAQUETTE, A. New approach to veridicality in dream psi studies. **Journal of Scientific Exploration**, Hopewell, v. 26, n. 3, p.589-610, dez. 2011.

PERASSI, R. **Roteiro didático da Arte na produção do Conhecimento**. Campo Grande: EDUFMS, 2005.

POLITO, V., LANGDON, R., BROWN, J. The experience of altered states of consciousness in shamanic ritual: the role of pre-existing beliefs and affective factors. **Consciousness and Cognition**, Amsterdam, v. 19, n. 4, p. 918-925, dez. 2010.

RADIN, D. **Supernormal**. New York: Deepak Chopra Books, 2013.

_____. Predicting the unpredictable: 75 years of experimental evidence. **AIP Scitation**, AIP Conference Proceedings, 1408, San Diego, 13-14, jun. 2011. Disponível em: <<http://scitation-aip-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/content/aip/proceeding/aipcp/10.1063/1.3663725>>. Acesso em: 8 set. 2016.

RADIN, D.; BORGES, A. Intuition through time: what does the seer see? **Explore**, Philadelphia, v. 5, n. 4, jul/ago 2009.

RAO, K. R. **Consciousness studies: cross-cultural perspectives**. North Carolina: McFarland and Company, 2005.

SCHMID, B.; STANOEVSKA-SLABEVA, K. Knowledge media: an innovative concept and technology for knowledge management in the information age. **NetAcademyEditors**, St. Gallen, 1989. Disponível em: <<https://www.alexandria.unisg.ch/9455/1/Knowledge%20Media.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2016.



SICCARDI, S. Spontaneous anomalous phenomena, pragmatic information and formal representations of uncertainty. **Axiomathes**, New York, v. 21, n. 2, p. 287-301, jun. 2011.

SOUSA, R. P. L. de; RODRIGUES, T. M. Conhecimento, mídia e semiótica na área de mídia do conhecimento. In: Vanzin, T.; Dandolini, G. A. (Orgs). **Mídias do Conhecimento**. Florianópolis: Pandion, 2011, p.45-73.

STONE, A. An avowal of prior scepticism enhances the credibility of an account of a paranormal event. **Journal of Language and Social Psychology**, Los Angeles, v. 33, n. 3, p. 260-281, jun. 2014.

TRAXLER, M. J., FOSS, D. J., PODALI, R., ZIRNSTEIN, M. Feeling the past: the absence of experimental evidence for anomalous retroactive influences on text processing. **Memory & Cognition**, New York, v. 40, n. 8, p.1366–1372, nov. 2012.

VANZIN, T.; DANDOLINI, G. A. (org.). **Mídias do conhecimento**. Florianópolis: Pandion, 2011.

VENZIN, M.; KROGH, G.; ROOS, J. Future Research into Knowledge Management. In: KROGH, G.; ROOS, J.; KLEINE, D. (Orgs). **Knowing in Firms: understanding, managing and measuring knowledge**. Londres: Sage, 1998.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, New York, v. 52, n. 5, p. 546-553, fev. 2005.

YIASSEMIDES, A. **Time and timelessness**: temporality in the theory of Carl Jung. New York: Routledge, 2016.

Submetido em: 30/08/2016. Aprovado em: 25/11/2016.

